



## **Jogando com a narrativa e a lírica em catorze versos**

*O jogo, Micha & outros sonetos,*  
de Wilberth Salgueiro

Susana Souto\*

Publicado em 2019, *O jogo, Micha & outros sonetos* se faz como convite reiterado ao leitor para percorrer os caminhos da tradição e da invenção nos limites dos catorze versos. Esse livro celebra a ligação entre jogo e poesia destacada por Huizinga, em *Homo ludens* (1938): “Toda poesia tem origem no jogo: o jogo sagrado do culto, o jogo festivo da corte amorosa, o jogo marcial da competição, o jogo combativo da emulação da troca e da invectiva, o jogo ligeiro do humor e da prontidão” (2010, 144).

O poeta, pesquisador e professor (Universidade Federal do Espírito Santo) Wilberth Salgueiro tem já uma obra que transita por múltiplos gêneros: *Anilina* (1987, haicais); *Digitais* (1990, haicais); *Personecontos* (2004, sonetos), cujos sonetos foram incorporados a este novo livro; *O que é que tinha no sótão?* (2013, narrativa infanto-juvenil), e no campo do ensaio: *Forças & formas: aspectos da poesia brasileira contemporânea* (2002); *Lira à*

\* Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e professora associada da mesma universidade.

*brasileira: erótica, poética, política* (2007) e *Prosa sobre prosa: Machado de Assis, Guimarães Rosa, Reinaldo Santos Neves e outras ficções* (2013), entre outros. Neste novo livro, são desfeitas as fronteiras entre lírica e narrativa, ou antes, a narrativa é construída no espaço da lírica por excelência, o soneto.

Após a brevíssima apresentação do livro assinada pelo autor, “Painel”, temos o desenho de um campo de futebol vazio, em preto e branco, imagem/convite para o/a leitor/a entrar em campo, no jogo da leitura. Há ainda um cuidadoso e sucinto texto assinado por José Américo Miranda, que destaca, em seu parágrafo final, o projeto poético e político de Salgueiro: “Num país como o nosso, o poema ‘O jogo’ exprime o espírito do povo, que sofre na carne as dores (e os prazeres) do futebol. Futebol e existência se unem de modo irremediável e indestrutível na narrativa de uma partida de futebol” (p. 10).

Dividido em nove partes, *O jogo, Micha & outros sonetos* coloca em campo mais uma vez essa forma fixa de maior duração na tradição poética lusófona. O jogo do soneto segue sendo reinventado, desde que Sá de Miranda o levou da Itália para Portugal, onde encontrou seu mais genial craque: Luís Vaz de Camões, referência obrigatória, desde então, em todos os repertórios dos sonetistas. Herdeiro dessa tradição e também apaixonado por futebol, Wilberth Salgueiro opera a junção de inúmeras referências, percorrendo, como cantou Cazusa, “um museu de grandes novidades”, dialogando mais de perto com aqueles que fizeram do soneto espaço de investigação e busca de novas possibilidades de escrita. O jogo entre lírica e narrativa se faz ao longo de todo o livro, e, como ocorre no âmbito do amor e do poema, não tem

vencedores nem vencidos, pois não busca um fim nem uma finalidade; antes, experimenta e prolonga, na experiência lúdica, os prazeres que nos distraem do apito final de um outro grande jogo, que irá fatalmente acabar para todos nós.

Na parte intitulada “O jogo”, 51 sonetos narram uma partida de futebol, em que o fora e o dentro do campo se emaranham. Ora feita em primeira, ora em terceira pessoa, essa narrativa tece momentos de tensão e alegria, ao longo do jogo, ao longo dos poemas, cujos títulos sintetizam o projeto narrativo e atuam como prolepses, como na tríade que inicia essa primeira parte: “Começo”, “Falta” e “Trágico”. É uma narrativa recortada pela extensão do soneto, em que há uma sofisticada montagem de cenas e personagens, em versos fragmentados na elaboração de quartetos e tercetos inusitados e desconcertantes como os dribles de Garrincha.

Muitas vezes, o ritmo do poema aproxima-se da velocidade do narrador esportivo e leva para o espaço consagrado do soneto formas célebres do futebol, como o gol de letra, no poema intitulado “Letra”: “[...] ao parar, num repente, vão ao chão// os zagueiros; Solvyk agora mira/ com toda fé o canto esquerdo; faz/ que chuta, mas, matreiro, não dispara;// Biluque, esperto, apoia-se na trave,/ fechando todo ângulo; aí/ (jamais se viu), de letra, Sol fuzila” (Salgueiro: 2019, 23). Como se vê, Wilberth Salgueiro mostra toda a sua ginga na elaboração dos versos, em que rimas internas configuram uma inusitada melopeia. Futebol, poema e quebra-cabeça se encontram nessa narrativa estruturada em blocos de catorze versos e convidam o leitor a abrir-se a outras formas de pensar nos limites e possibilidades de jogar e de narrar, distante do tom triunfalista de uma partida final.

E assim segue o jogo de encaixe entre sonetos, no qual atuam jogadores, juízes, técnicos, mas também outras personagens invisíveis desse evento, como os pequenos vendedores que circulam no campo, evocados em “Picolé” (p. 46), no qual são abordados temas que vão da reflexão metapoética – “Josué, vendedor de picolé/ (rima péssima, tétrica, fazer/ o quê, não é?)” – até a crítica social.

Em um jogo de câmera, os sonetos ora se concentram em lances mínimos, destacando detalhes significativos, numa espécie de técnica de *close-up*, ora se ampliam e transcendem o campo de futebol. A primeira parte do livro, que poderia ser ela mesma todo um livro de poesia, chega ao seu fim com uma contundente reflexão acerca da função social do poema em nosso mundo, e uma voz autoral ficcionalizada nos diz: “[...] esses poemas testemunham, em/ forma de ficção lírica, um jogo/ real: quem nunca ouviu falar de Sol-/ vyk? E Dadim? E Mano? E Jojô? Eu// deixo então como herança pro meu filho/ que vai chegar estes sonetos. Passo/ a bola. Se você (quem é você?)// estiver lendo “O jogo” é porque meu/ filho (talvez) livrou-se dele em livro;/ se não, que siga a sina em vão – no nada.” (“Nada”, 65).

Outro jogo caro a Wilberth Salgueiro, herdeiro confesso de Guimarães Rosa, é o do neologismo, a partir da junção de palavras que remetem à temática abordada na parte do livro que intitula, como é o caso de “Insonemínimeus”, em que os vocábulos “insona”, “mínimo” e “meu”, ou “eu”, se agregam, criando um termo que nos remete, como lemos em “Painel”, à escrita desses sonetos como resgate de memórias e sentimentos que assediaram o poeta em várias noites insones. Os catorze poe-

mas de catorze versos dessa segunda parte estão no campo da lírica reflexiva e amorosa, tão cara ao soneto de todos os tempos. Nesses poemas, temos a experimentação mais radical, no que concerne à espacialização dos versos na página. Dispostos em quatro colunas, a primeira e segunda com os quartetos, e a terceira e quarta com os tercetos, esses sonetos são feitos a partir da fragmentação de um verso e dos vocábulos que o compõem, beirando o ininteligível, o que Wilberth evita, ao recompor esse verso fragmentado, incluindo um décimo quinto verso, ou o que poderíamos chamar de soneto reconstruído em um único verso. Há, aqui, um exercício extremo de condensação e dispersão, buscando atingir o máximo de significação com um mínimo de elementos. O caráter lírico dessa parte é ainda reforçado pela evocação, no primeiro poema, de “A pera”, de Vinicius de Moraes. Se em Vinicius, a pera “Como de cera/E por acaso” está “Fria no vaso/A entardecer”, aqui

Na pia  
a pera  
havia.  
(Ou era.)

(“Ecce”, 69)

Há também outro jogo de citação, no poema “Parêntesis”, em que o autor garimpa um verso em *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), fragmenta-o e o transforma em dois quartetos e dois tercetos, mantendo as aspas indicativas da citação, mas deixando o nome do autor referido apenas pelas iniciais, e jogando,

assim, com a memória do leitor de um texto central na tradição literária brasileira (“Matamos o tempo; o tempo nos enterra”):

“Ma	tem	po	ter
ta	po;	nos	ra”
mos	o	en	(M.A.)
o	tem		

(p. 77)

Em outra parte do livro, o jogo citacional, de corte, recorte e colagem, retorna explícito em “No jantar” (p. 92), título semelhante ao de um conhecido conto do livro *Laços de família* (1960), de Clarice Lispector, citada no segundo verso. Do universo clariciano, Wilberth Salgueiro traz ainda para o seu jantar a barata, centro de uma famosa cena de devoração em *A paixão segundo GH* (1964) e vítima de uma assassina no conto “A quinta história”. No cardápio desse soneto, encontramos a cartomante, que está em Machado e também no final do romance *A hora da estrela* (1977). O soneto refaz uma rede dialógica, que vai de Clarice a Machado e retorna para Clarice, numa espécie de ciranda, de movimento de roda, um dos jogos mais divertidos da escrita: embaralhar as cartas de uma múltipla memória, apresentada como paideuma em “Recados”:

Há recados de todo tipo e jeito.  
 Rosa fez o do morro, entre tantos.  
 Leminski, “nada feito / fito e deito”.  
 Machado – Capitu e a cartomante.

Bandeira e suas aulas de partir.  
Cabral de como Sevilha a Recife.  
Clarice – Macabéa e Janair.  
Mário, Ursa Maior, Macunaíma.

Graça escrevia como quem fumava.  
Gregório contra gregos e caterva.  
Augusto o tempo todo na palavra.

Caetano é o bicho: leão, tigresa.  
Nelson, Ana C., Rubem, Hilda, Glauco...  
Há recados de todo tipo e jeito.

(p. 108)

Já em “Micha – uma história triste de se rir”, saímos do universo da lírica, inclusive amorosa, e retornamos, como numa brincadeira de roda, ao jogo narrativo proposto no início do livro. O narrador protagonista, Micha, apresenta sua história marcada pela miséria, “Minha vida foi sempre uma desgraça” (p. 122), e pela violência, “quando matei um, pá, foi que pararam” (p. 123). Micha, assassino, professor e poeta, celebra Décio Pignatari, Augusto dos Anjos, Zico, Noel Rosa, Shakespeare, anuncia seu suicídio, que demora o tempo de consumir as últimas latinhas de cerveja, e exclamar: “Eta vida bosta” (p. 134), ecoando a vida besta drummondiana, poeta evocado também em “Gauche” (p 125).

O livro joga também no campo da narrativa, em “Personcontos”, composta de 51 sonetos já publicados anteriormente. Agora, a narrativa breve se realiza integralmente no espaço desafiador dos catorze versos. Salgueiro, um jogador de

espaços mínimos, autor de muitos haicais, está à vontade nos limites do poema, que pede cada vez mais condensação. Mais uma vez, a rede citacional é lançada nas águas de sua memória. No poema “Paulo e Paulus” (p. 139), a “selva escura” de Dante é o espaço poético em que se desenrola uma narrativa nos moldes de Poe, na qual um gato preto morto volta para aterrorizar o seu assassino e conduzi-lo ao inferno.

Aproximando-se de Gregório de Matos e Bocage, Salgueiro joga também com o soneto fescenino, em dois poemas escritos em diálogo: “Soninha”, em que o sujeito poético feminino instrui o seu amante – “Janjão, eu disse, venha devagar./ A mulher se conhece pelo olhar” (p. 149) –, que não corresponde às suas expectativas, e “Janjão”: “Soninha, não me chame de Janjão./ Meu nome é Janair, você bem sabe./ Ontem, eu te beijei, mordi seus lábios,/ nuca, peito, boceta – tudo em vão.” (p. 150).

Na epígrafe desse livro que se desdobra em vários, Mário Faustino define a poesia como canto, o que está em consonância com a etimologia de soneto, som pequeno, nascido ainda no trovadorismo, quando a poesia era também e, principalmente, música. Esse som pequeno, que faz seu ninho em qualquer canto, encontra nesse livro um autor inventivo, investigando sua memória de leituras e reelaborando-a nos limites dos catorze versos. Em todas as suas partes, esse livro faz girar uma roda na qual nomes consagrados de várias artes e campos se encontram: Drummond, Machado de Assis, Alencar, Augusto de Campos, Pirandello, Augusto dos Anjos, Flaubert, Leminski, Tomás Antônio Gonzaga, Clarice Lispector, Poe, Dante, Décio Pignatari, Schumann, Guimarães Rosa, Mário de Andrade, Cae-

tano Veloso, Ademir da Guia, Zico, Batman, Mulher Maravilha, Homem Invisível...

Sem estabelecer hierarquias excludentes, Wilberth Salgueiro mobiliza um vasto repertório e o reelabora em seus sonetos, líricos ou narrativos, convencionais ou experimentais, de inflexão filosófica, social, amorosa, metapoética, fescenina, satírica, em um livro que nos convida a jogar, agora e sempre, o jogo do soneto, essa forma que se inscreve em nossa tradição e em nossa longa memória, que nos lança no jogo da leitura e da escrita, no qual, como nos lembra seu poema final, “[...] tudo vira nada – troça e traça” (p.198).

*Recebido em 14 de setembro de 2021.*

*Aceito em 09 de fevereiro de 2022.*